

Congreso Internacional de Investigación y Pedagogía

nuevos ESCENARIOS
SUJETOS
ESCUELAS nuevas



11-15
OCTUBRE
2021

Freire y la Educación Contemporánea





CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Autores:

Spinassé Borges, Patrícia

Universidade Federal de Goiás

Correo electrónico: patriciaspinasse@gmail.com

Shuvartz, Marilda

Universidade Federal de Goiás

Correo electrónico: marildas27@gmail.com

Eje temático: Educación Ambiental y Paulo Freire. Relaciones decoloniales e interculturales.

Resumo

O curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) visa preparar educadores para atuarem além da docência, de modo a gerir os processos educativos que ocorrem na escola e no seu entorno. O presente artigo é parte de uma tese de doutorado que tem por objetivo investigar como a Educação Ambiental (EA) pode contribuir para a formação de futuros professores de Ciências do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Goiás/ Regional Goiás/Brasil. Para a pesquisa, realizou-se um levantamento das concepções dos alunos da LEdoC mediante um questionário exploratório sobre: meio ambiente, natureza e sustentabilidade. A análise

revela que os alunos apresentam uma visão naturalista para a concepção de meio ambiente, associando este como o meio em que existe vida, enfatizando os elementos bióticos e abióticos dos ecossistemas. A concepção de natureza está relacionada ora à natureza Biocêntrica vitalista, considera que a natureza é responsável pela existência da vida, ora como natureza Biocêntrica ecológica, na qual adotam termos da ecologia como fauna, flora, como sinônimos de natureza. Em relação à concepção sustentabilidade, o entendimento está pautado numa perspectiva conservacionista, voltada para conservação e preservação do meio. Isso demonstra que os alunos apresentam uma visão ingênua do conceito de sustentabilidade. O entendimento de EA de todos os alunos está pautado na macrotendência conservacionista, o que demonstra ser uma visão reducionista. Dessa forma, uma EA crítica possibilitará o diálogo com os alunos, promovendo maior compreensão sobre esses conceitos, contribuindo com os pressupostos da educação do campo.

Palavras chave: Meio ambiente; natureza; sustentabilidade; Educação Ambiental.

Introdução

A Educação Ambiental (EA) surge em um contexto marcado por pressões internacionais no qual se reivindica a tomada de consciência da população frente aos problemas ambientais decorrentes da intensa expansão do sistema capitalista. Nesse cenário, Dantas, Soares e Santos (2020) ressaltam que a EA foi pensada como instrumento capaz de conduzir a humanidade a um novo marco civilizatório na questão sociedade x natureza.

A gênese dos debates e das ações sobre EA se deu a partir das conferências e encontros intergovernamentais, que tiveram a participação dos movimentos ecológicos, de Organizações Não – Governamentais (ONGs), de ambientalistas e dos movimentos sociais. Os objetivos, as características e estratégias da

Educación Ambiental no mundo foram definidos na I Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tbilisi em 1977. Interessante salientar que no ano de 1987, com a construção do Relatório Nosso Futuro Comum (Relatório de Brundtland) ofereceu, pela primeira vez, o conceito de Desenvolvimento Sustentável, levando em consideração as dimensões econômicas, sociais e ambientais. Essa perspectiva socioambiental oportunizou o entendimento de que os diversos problemas contemporâneos são resultados da ação humana sobre a natureza.

A partir dos anos 1990 a discussão sobre EA foi tema de diversos eventos no Brasil, com destaque para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio – 92). Com a popularização da temática ambiental foram criados, sob a responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente (MMA) e do Ministério da Educação (MEC): o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA/1996); a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA/1999) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA/2012).

A Lei 9.975/99 estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental e, em seu Art. 2º, define que a EA “é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. Dessa forma, ao incorporar a dimensão ambiental nos diferentes níveis de ensino, proporcionou-se o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente.

Consequente, a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, que trata sobre as DCNEA, em seu Art. 2º define que:



A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental.

Ou seja, no Brasil existem políticas públicas para a EA e a sua presença tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior deve ocorrer de forma transversal, relacionando temas sobre meio ambiente e sustentabilidade socioambiental, com os conteúdos que já fazem parte do currículo. Desta forma a EA, transversaliza todas as áreas do conhecimento de modo a auxiliar na formação do sujeito enquanto cidadão.

O Art. 8º da DCNEA (2012) em seu parágrafo único, estabelece que: “nos cursos, programas e projetos de graduação, pós-graduação e de extensão, e nas áreas e atividades voltadas para o aspecto metodológico da EA, é facultada a criação de componente curricular específico”, ou seja, uma disciplina ou módulo.

No Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Graduação de Licenciatura em Educação do Campo da UFG/ Regional Goiás, a Educação Ambiental não está presente, nem de forma transversal e nem disciplinar. O que se observa é a presença da palavra sustentabilidade mencionada diversas vezes nas ementas das disciplinas, que buscam, marcar uma posição científica e política.

De acordo com Layrargues e Lima (2014), existem três macrotendências como modelos político-pedagógicos para a EA: conservacionista, pragmática e a crítica. A macrotendência conservacionista se expressa nas correntes conservacionista, comportamentalista, da Alfabetização Ecológica, do autoconhecimento e de atividades de senso-percepção ao ar livre. Vincula-se

aos princípios da ecologia, valoriza a dimensão afetiva em relação à natureza e visa à mudança do comportamento individual. A macrotendência pragmática abrange as correntes da Educação para o Desenvolvimento Sustentável e para o Consumo Sustentável representando, assim, uma forma de ajustamento ao contexto neoliberal de redução do Estado, que afeta o conjunto das políticas públicas, entre as quais figuram as políticas ambientais. Já a macrotendência crítica, se junta as correntes da Educação Ambiental Popular, emancipatória, transformadora e no processo de gestão ambiental. Portanto, busca o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental.

À vista disso, a EA Crítica é entendida como sendo uma filosofia da educação que busca reorientar as premissas do pensar e do agir humano, tendo como característica a perspectiva de transformação das condições reais de vida dos sujeitos, em prol da concreta mudança social e cultural (Torres et al, 2014). Dessa forma, leva em consideração as relações entre o indivíduo e a sociedade, o que necessita de tomada de posição de responsabilidade pelo mundo e que supõe a responsabilidade consigo mesmo, com os outros e com o ambiente (Carvalho, 2004).

Nesse bojo, a EA e a Educação do Campo (EC), surgem no seio dos movimentos organizados na sociedade civil (movimento ecológico e movimentos sociais) como forma de contestar o modelo de desenvolvimento econômico capitalista, que: 1) é socialmente excludente, porque concentra a renda e gera pobreza e; 2) é ambientalmente insustentável, pois explora os recursos naturais, sem considerar a finitude dos mesmos (Dantas et al, 2020).

A EC tem suas raízes nas experiências dos movimentos sociais que respeitam os sujeitos do campo e buscam uma educação emancipatória. Estes ideais encontram-se na proposta da educação libertadora de Paulo Freire que se tornou a base epistemológica e pedagógica da EC. A pedagogia de Paulo Freire

apresenta elementos que auxiliam o entendimento da prática docente e sua importância para a formação humana na perspectiva de uma educação transformadora, que contribuí para uma consciência crítica diante dos aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos do sujeito (Evangelista & Evangelista, 2021).

Desde o ano de 2007 o MEC vem implantando, com apoio das Universidades Federais, os cursos de graduação em Licenciatura em Educação do Campo (Caldart, 2010). Estes objetivam preparar educadores para, além da docência, atuarem na gestão de processos educativos escolares e comunitários (Molina, 2015).

Visto isso, esta pesquisa (recorte de uma tese de doutorado) tem por objetivo investigar como a EA pode contribuir para a formação de futuros professores de Ciências do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Universidade Federal de Goiás (UFG)/ Regional Goiás/Brasil. Para tal, investigou-se as concepções dos alunos da LEdoC UFG/ Regional Goiás sobre: meio ambiente, natureza, sustentabilidade e EA. Esses conceitos são importantes para promover o diálogo entre a EA e a EC.

Metodología

A pesquisa, de caráter qualitativo, foi desenvolvida na vertente sócio-histórica que, segundo Freitas (2002), envolve a compreensão do objeto de estudo a partir das relações envolvidas em todo o processo, como aspectos individuais e coletivos. Trata-se de uma investigação empírica (Yin, 2001) utilizando questionário exploratório com oito alunos do LEdoC – Ciências da Natureza da Universidade Federal de Goiás/ Regional Goiás/Brasil matriculados na disciplina “Educação Ambiental na Educação do Campo”. O questionário foi encaminhado

via e-mail em virtude da situação de Pandemia pela Covid-19 que se encontra o Brasil no ano de 2021, onde as aulas ocorrem em modo remoto.

O questionário foi composto por nove questões abertas que permitiram ao informante responder livremente, usando linguagem própria e suas opiniões (Lakatos & Marconi, 2003). As perguntas objetivaram averiguar o perfil dos alunos do curso, bem como suas concepções de meio ambiente, natureza, sustentabilidade e EA.

Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdos (Bardin, 1977). Para compreender melhor as concepções dos alunos, utilizamos os modelos de categorização de Santos e Imbernon (2014) para meio ambiente e natureza. Para a concepção de sustentabilidade usamos a categorização proposta por Oliveira (2019) e, para a de EA, o modelo político-pedagógico de Layrargues e Lima (2014).

A fim de manter a não identificação dos alunos substituímos os nomes dos sujeitos por um código composto por uma letra e um número, denominados de "A1", "A2", "A3" e assim em diante.

Resultados

O questionário se dividiu em perguntas gerais e perguntas específicas. As perguntas gerais procuraram saber sobre idade, sexo, formação e trabalho. Já as específicas giraram em torno das questões relacionadas ao meio ambiente, natureza, sustentabilidade e EA.

Ao todo, oito estudantes responderam o questionário, sendo seis mulheres e três homens. No que se refere à faixa etária desses alunos, cinco possuem idade entre 26 a 35 anos; dois com 36 a 42 anos e apenas um aluno com idade entre 43 a 50 anos. Sobre a localidade onde vivem: quatro alunos residem na



zona urbana da Cidade de Goiás e os outros quatro alunos moram zona rural da mesma cidade. No que diz respeito ao emprego: cinco alunos estão desempregados e três alunos estão empregados.

Em relação ao grau de instrução dos familiares: dois alunos disseram ter apenas o ensino fundamental; quatro alunos mencionaram ter ensino médio e dois alunos afirmaram ter ensino superior.

As perguntas específicas foram divididas nos seguintes tópicos:

1) A concepção de meio ambiente

Considerando o modelo de Santos e Imbernon (2014), o meio ambiente pode ser categorizado em: meio ambiente espacial: espaço em que existe vida; meio ambiente Biocêntrico: meio ambiente como o meio em que existe vida; meio ambiente como valores e sentimentos: habilidade afetiva sobre uma habilidade cognitiva; meio ambiente como sinônimo de natureza.

A partir destas categorias verificamos que dois alunos apresentam em suas respostas a categoria *Meio Ambiente espacial*:

A4: É o local onde estão inseridos os elementos vivos e não vivos, interagindo entre si.

A5: O meio em que vivemos, das micros partículas, bactérias, reinos, a qual o humano faz parte desse ambiente em debate.

Já na categoria *Meio Ambiente Biocêntrico*, obtivemos cinco respostas:

A2: É onde vivemos, um conjunto de coisas físicas, biológicos que proporciona a vida através de suas interações.



A7: O meio ambiente engloba todos os elementos vivos e não-vivos que estão relacionados com a vida na Terra.

A8: Já o meio ambiente e todo o fator natural, físico, químico e biológicos que cercam os seres vivos.

Na categoria *Meio Ambiente como sinônimo* de natureza houve apenas um aluno:

A1: Ao meu ver, se aproxima do conceito de natureza, já que também é o meio onde a gente vive.

Santos e Imbernon (2014), ao investigarem as concepções de meio ambiente com diversos atores sociais, também observaram uma predominância da “percepção espacial e biocêntrica” para o termo meio ambiente.

Dessa forma, observou-se que a maioria dos alunos apresentam concepções de meio ambiente considerando os elementos bióticos e abióticos dos ecossistemas, sendo esta uma visão naturalista. Carvalho (2012) ressalta que na visão naturalista a “natureza do naturalismo” é aquilo que deveria estar fora do alcance do ser humano. Essa visão tem expressão nas orientações conservacionistas, que estão voltadas para a proteção da natureza, no qual consideram as ações humanas como ameaçadoras à integridade do meio.

Diante disso é preciso compreender que a natureza e os seres humanos, assim como a sociedade e o meio ambiente, estabelecem uma relação de interação, formando um único mundo. Carvalho (2012) aponta que na concepção naturalista o meio ambiente é visto como “natureza intocada”, sendo compreendido a partir da convivência harmoniosa entre fauna e flora. Este entendimento foi abandonado por uma visão socioambiental que, por sua vez, reconhece o meio ambiente como um campo de interações mútuas entre a



cultura, a sociedade e a base física/biológica dos processos vitais. Dessa forma, o sujeito é compreendido como um agente que pertence a teia de relações da vida social, natural e cultural.

2) A concepção de natureza

Em relação à concepção de natureza, tomamos como modelo de categorização de Santos e Imbernon (2014, p. 155), que considera:

- *Natureza Biocêntrica*: tem influência da Biologia na construção do conceito de natureza; presença de elementos que remetem a “vida”.
- *Natureza Biocêntrica vitalista*: é percebida como a vida e que tudo a ela está relacionado. Visão de que a natureza é a provedora das condições que tornam possível a existência da vida.
- *Natureza Biocêntrica ecológica*: influência da Ecologia, adotam termos como ecossistema, habitat, fauna, flora, entre outros, como sinônimos para natureza.
- *Natureza Generalizante*: é definida como o conjunto de tudo que existe e/ ou nos cerca. Revela a separação entre o ser humano e a natureza.
- *Natureza como valores e sentimentos*: remetem à sacralização da natureza em tudo aquilo que foi criado por Deus; idealização em tudo que é belo/ natural. Visão multidimensional de natureza em estilo de vida saudável/ tudo que é saudável/ fonte de bem estar.

No presente questionário as concepções de natureza apresentadas por três alunos revelam a categoria da *Natureza Biocêntrica Vitalista*:

A1: A natureza é o mundo em que vivemos. Composto por seres vivos e/ou não vivos.



A2: Para mim é o mundo natural o meio em que vivemos.

A4: É um conjunto de elementos essenciais à sobrevivência de nós seres vivos.

Na categoria *Natureza Biocêntrica Ecológica* encontramos dois alunos:

A5: Para mim natureza seria a fauna e a flora.

A6: Para mim natureza é tudo aquilo que tem ao meu redor de forma natural, ou seja, é independente da ação humana, pois a natureza faz parte de um conjunto de elementos, como os rios, a fauna e flora, as serras, morros ou montanhas desse nosso mundo natural.

Por outro lado, dois alunos consideram *Natureza como valores e sentimentos*, como por exemplo:

A3: Entendo que a natureza precisa ser preservada com qualidade de vida e desenvolvimento econômico.

A7: Pra mim a natureza é a revelação geral, por meio da qual Deus nos revela o Seu poder criador, Seu amor, mas também pode nos revelar sobre o pecado e suas consequências. Por fim, pode nos revelar a necessidade de redenção e nos dar vislumbres do caráter de Deus.

Apenas um aluno considerou a categoria *Natureza Generalizante*, em que há a ideia de separação entre a existência humana e a natureza:

A8: Para mim natureza e toda a vida que está no meio ambiente onde não teve interferência humana.

É possível observar que os alunos da LEdoC UFG/ Regional Goiás tiveram uma predominância ao relacionar o conceito de natureza com tudo que está relacionado com a existência da vida no planeta. Os resultados encontrados corroboram com Santos e Imbernon (2014), que observaram que o termo natureza remete “uma visão mais ecológica”, na qual a natureza passa a ser vista como uma “entidade” isolada do cotidiano social.

De acordo com Carvalho (2012), a visão naturalista baseia-se na percepção da natureza como fenômeno estritamente biológico, autônomo, alimentando a ideia de que existe um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano. De acordo com Santos e Imbernon (2014), há uma tendência a associar a natureza a ambientes florestais em oposição a uma visão de natureza que inclua ambientes diversos, até mesmo os espaços urbanos, onde claramente temos a presença do homem.

Diante do exposto, entende-se que os conceitos de meio ambiente e natureza são relevantes para promover o diálogo com EA, uma vez que esta surge em um momento marcado por uma tradição de visão naturalista. Tal fato, revela a necessidade de superar a dicotomia existente entre a natureza e a sociedade. Dessa forma, é preciso pensar uma Educação Ambiental crítica que busque uma reflexão sobre a relação homem – natureza/ meio ambiente, sendo necessário considerar a forma como designamos os termos “natureza” e “meio ambiente”, de maneira a entender como essas concepções podem influenciar no contexto de uma visão socioambiental.

Cabe ressaltar que a questão da preservação do meio ambiente não era objeto específico desta investigação, mas foi enfatizada nas respostas dos alunos, fato que pode ser um indicativo do quão presente ela está nas demandas advindas do campo.



3) A concepção de sustentabilidade

O termo sustentabilidade é polissêmico, haja vista sua extensa e diversa utilização em diferentes áreas. Dessa forma, o mesmo pode ser interpretado de diversas maneiras, dependendo da sua intencionalidade. O princípio da palavra sustentabilidade surge no contexto da globalização como marca de um limite e de um sinal que reorienta o processo civilizatório da humanidade (Leff, 2008). A partir de então, a noção de sustentabilidade foi sendo divulgada e apropriada, fazendo parte dos discursos oficiais, da linguagem comum e da mídia cotidiana.

De acordo com Oliveira (2019) existem diferentes definições para o conceito de sustentabilidade que baseiam-se em pesquisadores brasileiros da literatura específica. Dessa forma, cada autor apresenta sua definição cuja síntese está representada na tabela 1.

Tabela 1. Síntese das concepções de sustentabilidade dos autores analisados.

Autor/ano	DS e sustentabilidade	Limites da concepção	Potencialidades da concepção	Características	Concepção de sustentabilidade
Boff (2001; 2015)	Sinônimos	Culpabilidade dos indivíduos e não do sistema / Ecodesenvolvimentista	Crítica o acúmulo de riquezas, fome e escassez de alimentos mesmo que não relacione tais aspectos como intrínsecos ao capitalismo	Visão romantizada da sustentabilidade e (baseada na generosidade e solidariedade)	Conservadora
Rocha (2011)	Sinônimos	Defende o sistema capitalista como sustentável	Enxerga duas vertentes da sustentabilidade: ecológica e a social e as	Contraditório no que tange a sustentabilidade e social, uma vez que	Conservadora



			distingue, como se uma não dependesse da outra	acredita que os desastres são apenas naturais	
Camargo (2003)	Sinônimos	Desenvolvimento sustentável não é um termo contraditório, pois acredita que o mesmo contempla toda a problemática ambiental	Enxerga os problemas do capitalismo, mas não o julga contraditório ou insustentável	Crescimento é uma parcela do desenvolvimento sustentável	Conservadora
Guimarães (2001)	Diferentes	Tenta adaptar-se ao termo desenvolvimento sustentável de maneira pragmática e como única solução viável para alcançar a sustentabilidade no sistema econômico vigente	Crítica o significado do que se refere o desenvolvimento sustentável	Crítica o capitalismo e sua forma de consumo	Conservadora
Ruscheinsky (2003)	Diferentes	Crítica o capitalismo, mas não propõe ou sugere reformas ou mudanças	Críticas ao sistema / Enxerga a sustentabilidade e no seu âmbito plural	Defende a igualdade social e ambiental	Crítica
Loureiro (2012)	Diferentes	Não consegue ser aplicada no sistema social vigente	Coletividade, criticidade e problematização para que haja conscientização e transformação	Sustentabilidade necessita contemplar contextos sociais, políticos, econômicos, culturais, históricos e ecológicos	Crítica
Layrargues (2009)	Diferentes	Não consegue ser aplicada no sistema social vigente	Indissociação da desigualdade social e ambiental	Conceitos de risco e vulnerabilidade e ambiental	Crítica



Fonte: OLIVEIRA, 2019, p.63.

Portanto, em relação à concepção de sustentabilidade, lançamos mão da categorização proposta por Oliveira (2019, p. 135):

- *Sustentabilidade na perspectiva conservadora:* caracteriza-se por apresentar o caráter natural e ecológico da sustentabilidade. As suas características são limitadas pela preservação e conservação da natureza, fauna, flora, bem como os mecanismos de compensação ambiental.
- *Sustentabilidade na perspectiva crítica:* foca em pressupostos sócio-culturais e naturais do ambiente, que busca relacionar a visão natural e ecológica de sustentabilidade com a de igualdade e justiça social. Ou seja, a sustentabilidade está ligada aos aspectos sócio-econômicos-culturais e naturais do ambiente.

Em relação ao entendimento do conceito de sustentabilidade, sete alunos responderam de acordo com uma perspectiva conservadora:

A1: Sustentabilidade é a forma equilibrada de convívio entre o homem e o meio em que ele vive. Soma de desenvolvimento e preservação do meio.

A2: É a maneira de interagir com a natureza de um jeito mais próximo da capacidade da sua conservação natural.

A5: Sustentabilidade para mim é respeitar os ciclos da natureza como a pesca, por exemplo, no período de desova é proibido que se pesca, e respeitar a natureza uma troca.

Portanto, observa-se nas respostas dos alunos que a concepção de sustentabilidade está voltada para a conservação e preservação do meio. Isso demonstra que os alunos apresentam uma visão ingênua do conceito de sustentabilidade. Apenas um aluno apresentou sua concepção voltada para a categoria de sustentabilidade na perspectiva crítica:

A3: Entendo que sustentabilidade se trata de algo que vai além da preservação ambiental, e que a preservação ambiental e a economia, podem e devem ser mutuamente estimuladas para o verdadeiro desenvolvimento social.

É nesse sentido que a EA pode contribuir para a difusão de uma concepção de sustentabilidade baseada na construção social, a partir da explicitação das diferenças, diversidades e adversidades que caracterizam a sociedade contemporânea, na qual se intensificam as desigualdades socioeconômicas, as injustiças ambientais, a degradação do meio ambiente, decorrentes da ação e apropriação capitalista dos recursos naturais (Santos & Silva, 2017).

Ainda no questionário procuramos também investigar qual o entendimento dos alunos sobre o conceito de EA. Para esta concepção utilizamos a classificação de modelos político-pedagógicos de Layrargues e Lima (2014), quais sejam: macrotendência conservacionista, macrotendência pragmática e a macrotendência crítica.

O entendimento de EA de todos os alunos está pautado na *macrotendência conservacionista*:

A2: É um meio de conscientização para os problemas ambientais para que elas possam buscar resolvê-los.



A5: O meio de conscientizar as pessoas sobre a importância da preservação do meio ambiente, formar indivíduos criadores e defensores de opiniões a favor da EA.

A6: Para mim educação ambiental é a conscientização de como usar os recursos naturais sem causar grandes impactos ao meio ambiente.

A7: Educação ambiental é um processo de educação, responsável por formar indivíduos preocupados com os problemas ambientais e que busquem a conservação e preservação dos recursos naturais.

Portanto, a compreensão que os alunos apresentam é uma visão reducionista da EA, voltada para aspectos de conscientização pautada na preservação e conservação do meio ambiente. Layrargues e Lima (2014) relembram que se concebia a EA como um saber e uma prática fundamentalmente conservacionista, cujo objetivo era despertar a sensibilidade humana para com a natureza, desenvolvendo a lógica do “conhecer para amar, amar para preservar”, que é orientada pela conscientização ecológica.

No entanto, é preciso ressaltar que a EA conservacionista sofreu uma influência da área das Ciências Naturais e tenderam a destacar os aspectos naturais ou ecológicos dos problemas ambientais em detrimento de seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Além disso, expressa-se de maneira individualista e comportamentalista por compreender que a origem dos problemas ambientais está mais relacionada à esfera individual, moral e privada do que à esfera coletiva, pública e política e, nesse sentido, se associa a uma interpretação liberal ou mesmo neoliberal da crise ambiental (Lima, 2009).

Nota-se que os alunos da disciplina “Educação Ambiental na Educação do Campo” da LEdoC UFG/ Regional Goiás apresentam uma preocupação em relação a degradação ambiental, no uso e exploração dos recursos naturais e



que isso impacta diretamente o coletivo. No entanto, o conceito de EA carece de conhecimento científico e prático, evidenciando a necessidade de possuir no curso discussões e reflexões que contribuam para formação desses sujeitos que atuarão como futuros professores de Ciências nas escolas de Educação Básica do campo.

Para compreender melhor o entendimento dos alunos também foi solicitado no questionário que justificassem se consideram importante para a sua formação ter a Educação Ambiental presente no curso, uma vez que este visa formar professores de Ciências que atuarão nas escolas de Educação Básica do campo. Todos os alunos confirmaram a necessidade de ter na sua formação no decorrer do curso a EA, conforme podemos verificar em alguns exemplos:

A2: Sim. Porque essa temática está presente na minha construção enquanto sujeito, dentro e fora da universidade entendo que valorizar e preservar a vida é muito importante. A educação ambiental nos proporciona compreender a fazer isso.

A4: Sim, pois nos dá maior embasamento teórico para que possamos trabalhar a temática em nossas salas de aulas e nos espaços que ocupamos.

A6: Como futura professora de ciências considero a formação em Educação Ambiental de extrema importância, pois conhecendo e me informando conseguirei repassar mais informações e dialogar melhor sobre esse tema que ainda precisa ser debatido e entendido como foco primordial no cotidiano dos camponeses.

A7: Sim. A educação ambiental é fundamental para que as pessoas se tornem mais conscientes sobre a sustentabilidade e a importância de construir um futuro mais limpo para as próximas gerações. Valores



sociais, habilidades, competências, métodos e conhecimentos são os pilares da educação ambiental.

Nota-se que os alunos reconhecem a importância da EA na sua formação, já que atuarão como professores de Ciências da Natureza na EC. A aluna A4 explicita a relevância a sua formação no curso, por constatar que esta dará maior embasamento teórico para desenvolver a temática nas aulas na escola e, em outros espaços que ocupam na comunidade.

Conclusão

Podemos concluir que os alunos da LEdoC UFG/ Regional Goiás-Brasil apresentam uma visão naturalista para a concepção de Meio Ambiente, associando-a como o meio em que existe vida, enfatizando os elementos bióticos e abióticos dos ecossistemas. Para os alunos, a concepção de natureza está relacionada ora à natureza Biocêntrica vitalista, (considerando que a natureza é responsável pela existência da vida) ora como natureza Biocêntrica ecológica (adotando termos da ecologia como sinônimos de natureza).

Em relação à concepção de sustentabilidade, o entendimento está pautado numa perspectiva conservacionista, voltada para conservação e preservação do meio. Isso demonstra que os alunos apresentam uma visão ingênua do conceito de sustentabilidade.

As concepções de meio ambiente, natureza e sustentabilidade trazida por estes alunos retratam a falta de atualização científica na circulação destes conceitos quando frequentaram a educação básica ou outros espaços educativos, a destacar a mídia.

A presença da EA no curso da LEdoC UFG/ Regional Goiás pode contribuir para promover o diálogo entre os saberes científicos e os saberes populares, com o



intuito de possibilitar aos alunos o entendimento de conceitos como Meio Ambiente, Natureza e Sustentabilidade e a relação entre estes. Trata-se de conceitos importantes e que fazem parte do cotidiano dos sujeitos do campo, por isso é necessário o conhecimento dos seus significados, para que esses sejam capazes de se posicionar criticamente frente às pressões socioambientais que ocorrem no campo.

No curso é fundamental uma Educação Ambiental Crítica que ocorra de forma transversal e interdisciplinar marcada no PPC para contribuir na formação dos alunos que atuarão como futuros professores de Ciências na Educação Básica do campo e, em atividades de sua comunidade.

Portanto, torna-se necessário esse diálogo entre a Educação Ambiental e a Educação do Campo, compreendendo ambas como modalidades educativas provenientes de movimentos sociais que possuem importante papel nos espaços de lutas para o exercício da cidadania, com vistas à transformação da sociedade na busca pela justiça ambiental e equidade social.

Referencias

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. (1999). Lei 9.975 de 27 de abril de 1999. Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm

BRASIL, Ministério da Educação. (2012) Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília. <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18695-educacao-ambiental>

Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo. Edições 70.



Caldart, R.S. (2010). Licenciatura em Educação do Campo e projeto formativo: qual o lugar da docência por área? Em: RS Caldart (Org.). Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da licenciatura em educação do campo. (1ª ed.). Expressão Popular.

Carvalho, I.C.M. (2012). Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. (6ª ed.). Cortez.

Dantas, J. O.; Soares, M. J. N.; Santos, M. B. (2020). A relação da Educação Ambiental com a Educação do Campo: aspectos identificados a partir de publicações em periódicos de Educação Ambiental. Revista de Educação Ambiental: Ambiente & Educação, 25(2), 448 – 480. <https://doi.org/10.14295/ambeduc.v25i2.11328>

Evangelista, D. H.R; Evangelista, C.J. (2021). Contribuições de Paulo Freire para a Licenciatura em Educação do Campo: um olhar para os Projetos Pedagógicos. Em: EM Senhoras (Org.). Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana 2. Atena.

Freitas, M.T. de A. (2002). A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa [online], 116, 21 – 39. <https://www.scielo.br/j/cp/a/KnJW3strdps6dvxPyNjmvyq/?format=pdf&lang=pt>

Layrargues, P. P.; Lima, G.P.C. (2014). As macrotendências Político pedagógicas da Educação Ambiental Brasileira. Ambiente e Sociedade, XVII (n.1), 23-40. <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt>

Lima, G.P.C. (2009). Educação Ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. Educação e Pesquisa, 35 (1), 145-163.



<https://www.scielo.br/j/ep/a/tSMJ3V4NLmxYZZtmK8zpt9r/?format=pdf&lang=pt>

Molina, M.C. (2014). Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar. MDA.

Molina, M. C. (2015). Expansão das Licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. *Educar em Revista*, 55, 145-166. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.39849>

Oliveira, C.S. (2019). Concepções de sustentabilidade e a sua relação com as vertentes da Educação Ambiental: um estudo da UFSCar Campus Sorocaba. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11312>

Santos, J. A.E.; Imbernon, R. A. I. (2014). A concepção sobre “natureza” e “meio ambiente” para distintos atores sociais. *TERRAE DIDÁTICA*, 10 (2), 151 – 159. <https://doi.org/10.20396/td.v10i2.8637372>

Torres, J. R.; Ferrari, N.; Maestrelli, S. R.P. (2014). Educação Ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freiriana. Em: CFB Loureiro; JR Torres (Orgs.) *Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire*. (1ª ed.). Cortez.

Yin, R.K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (2ª ed.). Bookman.